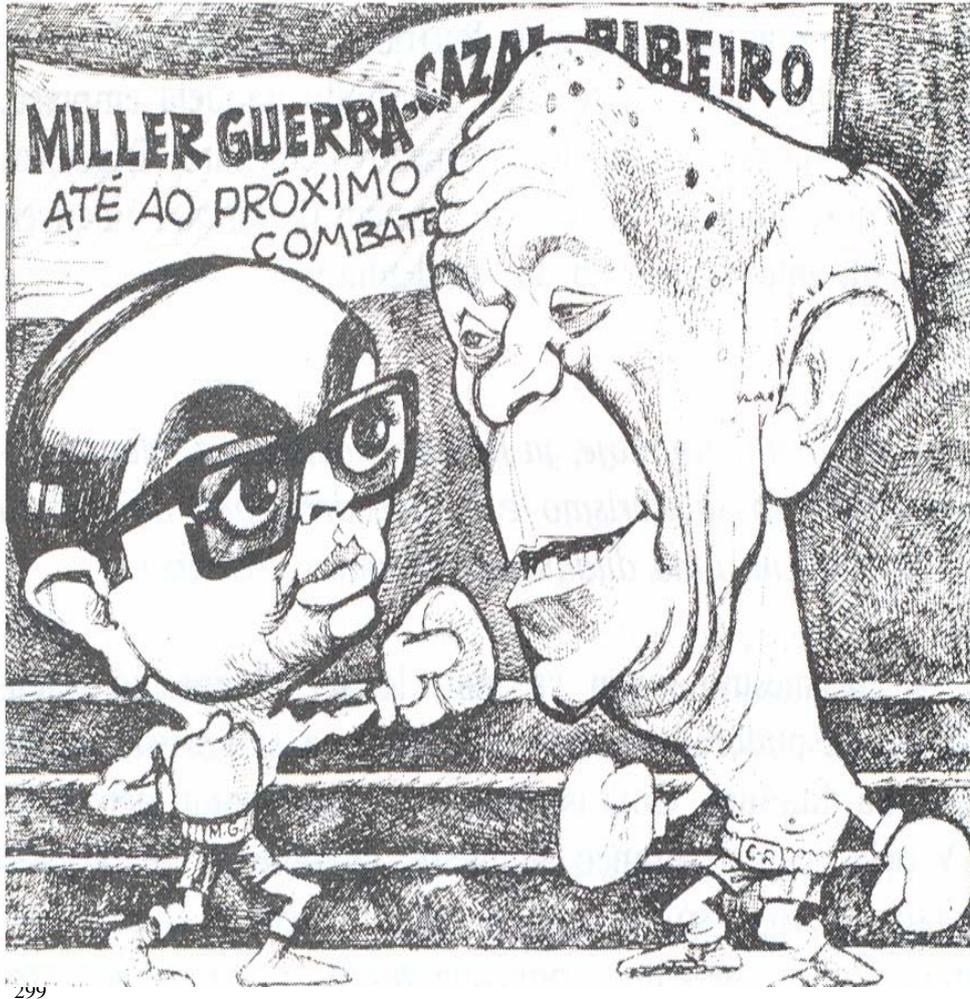


## O Poder: a chave da força



Sem estremeçar, um olho na teia, outro na tira de papel, o Imperador não se precipitava. Mas de repente, se era caso disso, e com uma agilidade inesperada em tão avultada figura, zás, saltava sobre a palavra e devorava-a algures, nesse momento, um mexilhão tinha perdido a voz.<sup>300</sup>

José Cardoso Pires

<sup>299</sup> Confronto na Assembleia Nacional, Miller Guerra versus Cazal Ribeiro. Caricatura de Baltazar. *Vida Mundial*, 7 dez. 1971 In: PORTELA, Arthur. *Cardoso Pires por Cardoso Pires*, cit., p. 37.

<sup>300</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, cit., p. 94-95.

A epígrafe que norteia este capítulo apresenta de maneira enfática os procedimentos com os quais o Imperador devora as palavras alheias. A questão da caça à palavra do outro é o motivo da publicação da charge de Baltazar, que retrata o embate entre políticos portugueses que têm idéias opostas sobre a liberdade de expressão, episódio que ficou marcado por envolver a publicação de um livro “infame”: **Dinossauro Excelentíssimo**. Citemos, nas palavras do próprio Cardoso Pires, os acontecimentos dessa “arenga pública”:

Quando o Dinossauro saiu; regressi de Londres para estar presente ao lado do editor e do ilustrador no que viesse a acontecer, mas para assombro de todos nós, em vez da excomunhão que era de esperar, **o livro ultrapassou a Censura e teve um acolhimento indescritível**. Digo «ultrapassou» porque aconteceu aquele escândalo monumental na Assembleia Nacional, quando o professor Miller Guerra teve a coragem de afirmar que não havia liberdade em Portugal. Foi uma sessão histórica, um berro de heresia! O deputado ultrafascista Casal Ribeiro correu para Miller Guerra a espumar de raiva e para o desmentir citou como prova o infame *Dinossauro Excelentíssimo* que acabava de ser posto à venda em toda a parte. E, pronto, a partir daí a Censura ficou de mãos atadas. Já não podia apreender o livro que o deputado salazarista tinha citado estupidamente como demonstração da liberdade do regime, e, menos ainda, promover a prisão do autor.<sup>301</sup>

Aparentemente cômico, o episódio põe em destaque a trajetória da fábula **Dinossauro Excelentíssimo**, e, embora não se configure no instante mesmo da Revolução dos Cravos, consegue rasurar as bordas da censura e projetar-se enquanto “interpretação-denúncia” dos fatos que marcaram a censura em Portugal à época do Estado-Novo.

Como referimos antes, a fábula **Dinossauro Excelentíssimo** apóia-se em fatos históricos vividos pelos portugueses durante o período da ditadura de Salazar. Além disso, percebemos, no contexto da efabulação, a relação que há entre o homem e o poder, evidenciada nas ações do protagonista Dinossauro que, revestido de saber e autoridade, exerce esse poder sobre o Reino dos Mexilhões, fazendo uso de sua capacidade de manipular a palavra a fim de submeter o Reino ao silêncio.

---

<sup>301</sup> PIRES, José Cardoso. In: PORTELA, Arthur. **Cardoso Pires por Cardoso Pires**. Lisboa: Dom Quixote, 1991, p. 36 (grifo nosso).

Concentrando nossa perspectiva sobre essa face ditatorial do Imperador, perguntamos: Que mecanismos são por ele usados para exercer seu poder no Reino dos Mexilhões?

#### 4.1

##### Saber & Autoridade

A teia das palavras zumbia de manhã à noite. Estendia-se de canto a canto do gabinete em fios sensíveis de transaltíssima tensão; devorava palavras, sugava-as até à última sílaba, até à letra, ao acento – e bem na ponta, no nó, estava o Mestre. À espreitar atrás da secretária. Sobrevoado por electrões errantes.<sup>302</sup>

O século XX foi marcado pela presença de ditadores que exerceram o totalitarismo sob múltiplas designações. Essas personalidades se configuraram na literatura como “novos salvadores [...] prontos a lançar-se contra a adversidade, a dominar o caos e a salvar”<sup>303</sup> o “rebanho de desorientados”<sup>304</sup>. Nesse contexto, a idéia de poder é “ressacralizada” e:

As ditaduras se tornam, nesses novos discursos políticos, o princípio último de explicação dos acontecimentos. Um incomensurável impulso de poder, a ‘vontade de poder’, cujo advento Nietzsche profetizava para este século, parece realizada por todo lado, sendo os ditadores sua encarnação viva. Eles surgiram – ou teriam surgido – como outros ídolos, outros deuses soberanos, do nada para realizar o designio obscuro de uma providência misteriosa.<sup>305</sup>

A idéia contida na citação, referente à “missão divina” do Imperador, é encontrada na fábula **Dinossauro Excelentíssimo** porque o protagonista, por “acreditar nos compêndios das escolas, teria vindo ao mundo iluminado por Deus”<sup>306</sup> para direcionar e ordenar o Reino. Partindo desse princípio, o Imperador

---

<sup>302</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 69-70.

<sup>303</sup> VUILLEMIN, André. Ditador. *In*: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 249.

<sup>304</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 21.

<sup>305</sup> VUILLEMIN, André. **Dicionário de mitos literários**, *cit.* p. 249.

<sup>306</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 17.

vai governar “toda a gente”<sup>307</sup> com “Saber & Autoridade”, tendo como “arma o Silêncio”<sup>308</sup>.

“Saber & Autoridade” são idéias que se referem ao uso da palavra e ao exercício do poder em **Dinossauro Excelentíssimo**. Essa ligação fica evidente na fábula a partir do momento em que a “elite rural” compreende a necessidade de educar o protagonista, para que ele possa exercer a função de Imperador. Percebemos a preocupação da madrinha, do padre e do regedor em encaminhar a criança para o saber especializado. Por isso, “Dinossauro, criatura marcada desde o berço, [...] teria de tirar um curso que lhe desse para governar toda a gente.”<sup>309</sup> E, de posse de seu saber, ele começa a dominar o Reino através de suas ramificações em todos os setores – ruas, instituições lícitas (aeroportos, futebol clube, correios, real academia) e ilícitas (cassino), gastronômico, artístico – e, finalmente, cristaliza sua imagem num provérbio: “Dinossauro há só um”<sup>310</sup>. Nesse sentido, fica evidente a capacidade do Imperador de manipular os diversos ramos de “conhecimento” para configurar a rede social do Reino, segundo sua intenção.

Mas, que saber adquiriu o Imperador para exercer autoridade no Reino? O “saber” de manipular as palavras.

Sem perder tempo o pequeno aldeão atirou-se aos livros para aprender a tal maneira de pensar e de fazer frases que o havia de tornar célebre entre os doutores. Seria uma língua difícil a dele, mas muito útil porque só a entenderiam os mestres e os defuntos – o quanto basta. Estudou, queimou as pestanas, **amareleceu**.<sup>311</sup>

O contador de estória, em tom irônico, relata como os doutores da universidade ensinaram ao Imperador o que tinham decorado da “sebenta”; nesses livros estão escritas as “verdades” do Reino dos Mexilhões, e elas são inquestionáveis, tanto o é que

---

<sup>307</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 19.

<sup>308</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>309</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>310</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>311</sup> *Ibid.*, p. 37.

Aqueles mestres não diziam senão o que estava dito nos livros antigos e nunca se dignavam nomear pessoas ou factos que não tivessem sido nomeados pelos mestres defuntos, e com o devido respeito.<sup>312</sup>

Parece-nos ser essa uma estratégia encontrada pelo “poder” para manter “controle” sobre o conhecimento (saber) que circula na malha social. Esse saber, no Reino, está centralizado nas mãos dos Dê-erres, que “por causa da sabedoria [...] apresentavam um aspecto de fria gravidade”<sup>313</sup>, aparência característica de quem tem poder (autoridade) para manter “os rebanhos de desorientados” em ordem. Mas esse “conhecimento” é transmitido ao Imperador porque ele tem o “vício de colecionar palavras”<sup>314</sup>, faculdade fundamental para disseminar “ideologias”, pois a capacidade de manipular a palavra dá ao Imperador o poder de impor idéias e construir “mentalidades”. Essa facilidade faz com que os “mestres” acreditem que “Era muito provável que andasse ali génio de primeiríssima.”<sup>315</sup> Desse modo,

[...] isto de ele se dedicar às palavras e aos raciocínios em antepassado fez com que muito boa gente pensasse que trazia alguma novidade nova. Traria? Os doutores, do alto da sua gravidade, acenavam que sim: tratava-se de um falar muito próximo dos alfarrábios por onde tinham estudado – logo, o mais perfeito. Juízes e escrivães, idem. Habitados a pentear parágrafos e alíneas, gostavam daquela maneira de discorrer tão encarreirada a aparo burocrático.<sup>316</sup>

É oportuno referir que essa rede de poder tecida na fábula tem como parâmetro o poder de “saber” usar a palavra para ler, interpretar, compreender, analisar, criar discursos, manipular significados – enfim, transfigurar realidades. Desse modo, “Na comarca dos Doutores onde se via a pobreza devia ler-se modéstia – outra regra que era necessário registrar, proclamavam os dê-erres.”<sup>317</sup>

Portanto, é pelo saber que o Imperador exerce a autoridade que lhe foi outorgada para comandar o Reino. Mas, não satisfeito, o Imperador vai além dessas ações; ele reúne saber e autoridade, de modo que obtém como efeito o silêncio. Com essas competências (saber – poder – silêncio), vai manipular a

<sup>312</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, *cit.*, p. 35-36.

<sup>313</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>314</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>315</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>317</sup> *Ibid.*, p. 46.

sintaxe, transformar as idéias do Reino. Esse ato representa metaforicamente o desejo de uniformizar o conjunto das idéias, que é “ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculto, investido em toda parte”<sup>318</sup>.

Na fábula, essa função do poder está representada metaforicamente no abrir chaves, isto é, na competência de quem tem a senha ou a chave para entrar na própria narrativa e conseguir desvendá-la: “O reino desdobrava-se num imenso arquivo de gavetas a abrirem-se umas às outras.”<sup>319</sup>

Desse modo, o contador de estória nos conduz a uma reflexão acerca de como a rede de poder discursivo forma as várias manifestações dos pequenos discursos que, ao se cruzarem, tecem a malha social, onde se manifestam os meios com os quais os “ditadores” perpetuam suas “verdades”. Roberto Machado, ao analisar a questão do poder na obra de Foucault, conclui:

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limite ou fronteiras. Daí a importante e polêmica idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder.<sup>320</sup>

Em **Dinossauro Excelentíssimo**, a figura do ditador começa a se delinear a partir das ações arbitrárias e repressivas com as quais o Imperador impõe sua autoridade aos mexilhões. Para exercer o poder, o Imperador cria um mecanismo capaz de devorar toda palavra que fuja à idéia obsessiva de ordem. É na “câmara de torturar palavras” que ele caça os significados dúbios que possam vir a destruir sua prática repressora.

Nesse Reino, os atos arbitrários cometidos pelo Imperador contra os mexilhões são constantes. Dentre eles, chama a nossa atenção aquele ato que deriva da manipulação persuasiva da palavra, pois “agora que estava sentado a governar começou a magicar um plano para pôr o Reino a falar numa língua limpa

<sup>318</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, cit., p. 75.

<sup>319</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 71.

<sup>320</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, cit., p. XIV.

e severa, em que todos se entendessem.”<sup>321</sup> Esse manejo se origina do desejo imperial de homogeneizar as idéias e de colocá-las numa sintaxe que somente ele e os dê-erres compreendessem. Esse procedimento fica evidente nos episódios em que o Imperador, como exímio orador, se pronuncia para uma platéia que não o entende, mas o aclama como se o compreendesse.

Sua Alteza abria o Discurso, como sempre, com “Saber e Autoridade”. [...] os peregrinos esticavam o pescoço a procurar seguir-lhe o rastro pelos caprichos das alturas. Percebiam e não percebiam, pouca coisa, quase nada, dados os seus fracos entendimentos do dialecto dê-erre, mas não era motivo para se afligirem: iriam compreender quando o padre e a professora Minha-Senhora os reunissem lá na aldeia para fazerem o comentário próprio. Aí seria o Discurso em tradução livre [...]

“APOIADO!”

“VIVA O IMPERADOR!”<sup>322</sup>

Essa técnica de usar a palavra para falar numa língua específica não atinge seu objetivo, pois, como demonstra o exemplo, nem todos conseguem entender a nova linguagem do Reino, embora concordem com o que diz o Imperador, seguramente porque não captam o significado das palavras. Como vimos, essa é a arma do Imperador.

Na citação, observamos que os “peregrinos” sabem que o padre e a professora “Minha-Senhora” farão uma tradução livre. Em hipótese, colocamos a seguinte seqüência: o discurso do imperador é incompreendido pela “massa” por isso, necessita de um “discurso tradutor”; mas a tradução, por sua vez, torna-se um discurso livre na “imaginação” dos peregrinos. Concluimos assim que o discurso do Imperador acaba se perdendo ao longo das traduções. Logo, compreendemos que o Imperador, ao manipular as palavras para falar sobre o Reino, cria uma “ficção”. Do mesmo modo, os peregrinos constroem outra “imagem” dos discursos do Imperador. Vive-se, portanto, em um Reino fictício, como se a comunicação se fizesse por meio de um colóquio de espelhos – ou seja, há apenas reflexos de uma “verdade”, nunca a verdade.

Esse entrelaçamento de significados desenha a imagem de uma teia, em que as linhas dos diversos discursos que circulam pelo Reino tecem a malha de

<sup>321</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, *cit.*, p. 51.

<sup>322</sup> *Ibid.*, p. 82-83.

poder que configura o Reino dos Mexilhões. Nesse sentido, Foucault esclarece que o poder é alterado continuamente, a cada instante e a cada evento, e tem a função de construir e destruir “verdades”, porque, ao produzir outras versões, transforma, acrescenta, rasura outros discursos, com os quais mantém estreita relação, para compor uma rede plural e infinita de atos que tece com sua dinâmica. Tomemos as explicações de Foucault sobre esse poder.

O que faz com que o poder se mantenha, e que seja aceito, é simplesmente que ele não pesa só como força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, **produz discurso**.<sup>323</sup>

Portanto, em **Dinossauro Excelentíssimo**, Cardoso Pires revela como a teia invisível do poder se organiza em micropoderes, nas “malhas mais finas da rede do poder”<sup>324</sup>; descreve como o Imperador exerce esse poder no Reino dos Mexilhões e também como é contestado dentro da própria rede de poder que tece. A idéia de micropoder que Foucault defende pode ser entendida como um conjunto de ações que provocam e respondem umas às outras. Logo, não há um poder central, mas há vários núcleos de poderes que atuam mutuamente – ou opondo-se, como fazem os mexilhões “pedintes-voadores”, ou apoiando o Imperador, como fazem os dê-erres.

Sobre essa peculiaridade do exercício do poder, Foucault explica que não há relação de poder sem resistência, porque as lutas de contrapoder se estabelecem dentro da própria esfera das linhas que tecem a rede do poder “local”, e são múltiplas – como o são também os focos que compõem o poder no interior da rede.

Esse conceito pode explicar porque na fábula surge outro discurso que se contrapõe ao do Imperador. O contra-discurso dos mexilhões se situa na mesma esfera em que atua o Imperador, ou seja, utiliza elementos que envolvem a escrita e a fala. Por isso a necessidade do Imperador de homogeneizar a “língua” e silenciar o outro que não aceita seu código. Portanto, nessa fábula temos duas forças que se opõem – mais precisamente, dois discursos cifrados que se

---

<sup>323</sup> FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**, cit., p. 8 (grifo nosso).

<sup>324</sup> *Ibid.*, p. 6.

tensionam: o discurso dos dê-erres e o discurso dos mexilhões-pedintes voadores.

Vejamos como esse embate se configura:

### **DECLARA-SE A INVASÃO DOS DE-ÊRRES**

“AO ATAQUE!”

[...]

Apanhados de costas, os da beira-mar renderam-se sem discussão, tanto mais que não compreendiam a língua dos invasores. [...]. Os dê-erres triunfantes, repetindo a sebeta dos treinadores, lhes davam o golpe de misericórdia com rajadas de discursos. Discursos e contra-discursos, discursos por uma pá velha como só os dê-erres sabem fazer.<sup>325</sup>

Mas, contrapondo-se a esses discursos, eis que:

### **NA PARADA DOS DOUTORES APARECEM OS PEDINTES VOADORES**

[...]

Foi a partir daí que começaram a correr certos ditados de ocasião, só para governo dos mexilhões, naturalmente, e que não faziam o menor sentido a não ser para eles.<sup>326</sup>

Enfim,

[...] já que o Reino era pobre o Imperador iria enriquecê-lo com palavras das melhores origens e criar uma linguagem geral que unisse o jovem ao velho, o rico ao necessitado, o mexilhão ao dê-erre.<sup>327</sup>

A encenação demonstra como os discursos, nessa fábula, são metaforicamente organizados, de modo que as vozes se sobreponham como armas de “poder”, o que se caracteriza obviamente como uma faca de dois gumes, porque, concomitantemente à censura de um “discurso”, outro surge para se lhe contrapor.

Observamos que há uma luta silenciosa entre a construção de cada um dos dois discursos. Enquanto o Imperador caça a palavra “dessa malta”, os mexilhões criam um código próprio para fugir dessa perseguição.

---

<sup>325</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, *cit.*, p. 43-44.

<sup>326</sup> *Ibid.*, p. 48-49.

<sup>327</sup> *Ibid.*, p. 51.

E cá viemos dar às palavras. Como sempre. “Com palavras e moscas povoa-se o reino”, rosnavam os mexilhões descontentes, os Pedintes Voadores. Mas o Imperador acabava com o pio dessa malta, destruindo diariamente uma boa porção delas. Queria desempestar o Império e as consciências queimando o termo grosseiro e a frase manhosa, e aí conseguindo. Em menos de um fósforo os dicionários estavam no nervo, rapados, e os mexilhões a falar praticamente por sinais.<sup>328</sup>

É oportuno observar a intenção do Imperador não só de calar os mexilhões, mas também de “desempestar as consciências”; não basta a manipulação da palavra, mas a alteração de valores, idéias e concepções que formam as consciências. Parece que, além do Imperador, os “mexilhões descontentes” também detêm um “saber” que nem todos os dê-erres têm, como observa o Imperador em determinada cena:

Mas no meio do trabalho vinham constantemente pedir-lhe conselhos os homens mais poderosos da Comarca dos Doutores. Isso desgostava-o, como se depreende, não só porque era um atraso para o rendimento da nação mas também porque, na maioria dos casos, tudo lhe fazia crer que as pessoas ainda estavam longe de **compreender o valor das palavras na construção da ordem e do bom-censo.**<sup>329</sup>

Portanto, é na palavra que o Imperador concentra o seu “saber”; conseqüentemente, é por meio dela que ele vai exercer o poder sobre o Reino.

## 4.2

### A encenação do poder

Manter a figura imperial segundo a vontade da nação parecia-lhes um dever que nem se discutia, um dever, diziam, sacrossanto.<sup>330</sup>

Segundo Michel Foucault, o poder “circula [...] funciona em cadeia [...] se exerce em rede.”<sup>331</sup> A partir dessa característica do funcionamento do poder, entendemos que ele não está necessariamente centralizado nas mãos de uma

<sup>328</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 72.

<sup>329</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>330</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 101.

<sup>331</sup> FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**, *cit.*, p. 183.

pessoa, mas circula por toda a sociedade, concretizando-se numa teia. Observando sua circulação na fábula, verificamos, na seqüência em que surgem – sempre tendo como centro a figura do Imperador –, o padre, o regedor, a madrinha, os dê-erres mestres, os dê-erres conselheiros e finalmente os mexilhões pedintes-voadores. Notamos que no epílogo da fábula o contador de história dá início a outro círculo de poder, mas o leitor não lhe tem acesso, pois essa seria outra história, que envolveria outros personagens, como, por exemplo, a ascensão do novo Imperador, nomeado assim que o Dinossauro Excelentíssimo sofre sua primeira e aparente morte.

A malha de poder que emerge da fábula tem essa configuração. Nela identificamos vários “focos” de poder, embora a imagem imediata que se tem é a de que há um ponto central, representado na figura do Imperador. A distribuição dessa “competência” está metaforicamente representada em várias ações dos personagens, pois o poder é uma mecânica que faz girar a fábula. Para Foucault, não há “diferença de natureza entre o poder que exerce um reis tira e o poder que exerce um ministro.”<sup>332</sup> Essa característica é equivalente à que ocorre no Reino, onde

Conforme a pessoa, assim se escolhia a chave que lhe dava entrada na torre. Parece que com o andar dos tempos os conselheiros arranjaram também as suas chaves para receber os cavalheiros abaixo deles. Estes fizeram o mesmo em relação aos mais abaixo que, por sua vez, inventaram logo outras chaves para os ainda mais abaixo, e nesta cegarrega – chave que abre a chave da chave – até os contínuos de repartição, eternamente a bocejar e a olhar as horas, tinham as suas chaves minúsculas que nem por isso deixavam de ser úteis.

O Reino desdobrava-se num imenso arquivo de gavetas a abrirem-se umas às outras.<sup>333</sup>

Cria-se, então, um difícil e longo caminho de negociações por onde percorrem as chaves do Reino, e isto, à revelia do Imperador, torna-se um poder paralelo. Essa imagem vem confirmar a idéia de que o poder não se encontra nas mãos de uma única pessoa, mas circula na malha social.

---

<sup>332</sup> *Id.*, Os intelectuais e o poder. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**, *cit.*, p. 76.

<sup>333</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 71.

Além disso, há de se observar as construções dos arquétipos<sup>334</sup> sociais dos personagens, que são apresentados segundo o grau do aparente exercício de poder que detêm dentro da escala social: primeiro, o **Imperador**, que representa o poder absoluto: “no Reino só havia 1-Único Mestre que tudo podia e tudo lo mandava,”<sup>335</sup>; segundo, os **Dê erres**, vocábulo originado da abreviação Dr., isto é, a classe dos doutores dominantes, composta por políticos, burocratas, mestres, policias, padres, etc., os responsáveis pela movimentação da engrenagem burocrática do Reino. Embora estes não possam tomar decisões, iludem-se pensando o contrário: “cada dê-erre pretendia enganar os outros fingindo que era o mais importante logo a seguir ao Chefe”<sup>336</sup>; terceiro, os **mexilhões**, que representam a classe trabalhadora, mexilhão-indivíduo que se assemelha a uma “criatura à margem, mirrada, [...] tem a ciência certa dos anônimos: pensa e não fala, vai por si”<sup>337</sup>; nesta terceira classe, ressaltamos os mexilhões descontentes, **pedintes-voadores**, que transgridem a ordem do Reino ao criarem outro código de comunicação: “Foi a partir daí que começaram a correr certos ditados de ocasião, só para governo dos mexilhões, naturalmente, e que não faziam o menor sentido a não ser para eles.”<sup>338</sup>

Mas, vejamos como se organizam os micropoderes na fábula. É oportuno referir que o primeiro na escala de poder é o Imperador, representante do poder central, mas não absoluto; entendemos que os demais personagens se agrupam conforme seu objetivo e sua função dentro da sociedade.

O primeiro “núcleo de poder” que identificamos na fábula é composto pelos personagens madrinha, padre e regedor; eles se organizam com o objetivo de escolher um líder que possa manter o Reino em ordem.

A elite rural (madrinha, padre e regedor) quer se perpetuar no poder<sup>339</sup> e, com esse fim, desenvolve inúmeras estratégias, porque para essas pessoas não

---

<sup>334</sup> Esta divisão (imperador, mexilhões e dê-erres) foi proposta por GARCIA, Maria Jesús F. La novela del ditador Salazar, *cit.*, p. 123-142, 2000.

<sup>335</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 62.

<sup>336</sup> *Loc. cit.*

<sup>337</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>338</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>339</sup> Sabemos ser característica do governo de Salazar apoiar-se nos “poderes paralelos”. Salazar “[...] tinha enraizado suficientemente o seu regime nas realidades sociais portuguesas para garantir algum apoio popular. A igreja e os pequenos proprietários rurais [...] o mesmo faziam os latifundiários” (MAXWELL, Kenneth. **A construção da democracia em Portugal**, *cit.*, p. 33).

importa o tipo de regime adotado no Reino. Essa classe quer participar e dar as cartas no jogo político; seus integrantes são unidos por amplas teias de relacionamentos pessoais, negociações entre o público e o privado, entre grupos e instituições, com sucessivos realinhamentos.

Leis, decidiu o padre local [...] O regedor, muito dado às fardas e às marchas, disse que na espada é que estava o mando e a justiça [...] Dona Madrinha da criança, que era rica e muito solteira. Ouviu falar em espadas, em guerreiros, e nem esperou por mais nada; abriu os braços de contentamento pronunciando estas palavras à boca do berço:  
 “QUE PERFEITO MISSIONÁRIO!”<sup>340</sup>

O segundo núcleo de poder está organizado em torno dos Dê-erres, com a função de promover o Imperador e controlar as “revoluções” ou os “insubmissos”. Nesse núcleo, os dê-erres mestres têm poder porque são os guardiões do “saber”; por isso,

Vestiam paramentos negros e usavam estolas como as dos sumos sacerdotes, mais ou menos. Rostos rapados, cinzentos, olhos frios, rapozões, olhos de muita vigília, ali estavam eles, bem alto, num friso de catedral como cardeais da sabedoria. Cada qual empunhava seu bastão de igreja mas sem a volta dourada dos báculos; e à maneira de mitra tinha sobre os joelhos um chapéu conhecido por capelo que só cabe na cabeça dos muito sabedores e não na de qualquer dos estudantes que circulavam cá em baixo, decorando a sebenta.<sup>341</sup>

Há ainda os “dê-erres conselheiros”, que se organizam conforme a situação e, como detêm o poder da máquina burocrática, circulam fazendo negociações, durante o governo do Dinossauro Excelentíssimo e após sua “queda”, quando começam a trabalhar como “os a-fingir”<sup>342</sup>.

[...] cada dê-erre pretendia enganar os outros fingindo que era o mais importante logo a seguir ao Chefe. Daí no conhecido estribilho  
 “O EXCELENTÍSSIMO NÃO SABE COM QUEM ESTÁ A FALAR”<sup>343</sup>  
 [...] Hoje está historicamente provado que os dê-erres eram dotados de grande instinto gregário. Se bem que desvairados na voracidade, davam provas de apreciável sentido coletivo na luta contra as maiorias dos mexilhões, dominando-

<sup>340</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, *cit.*, p. 19-20.

<sup>341</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>342</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, *cit.*, p. 134.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p. 62-63.

as pelo cantar gargarejado com manobras de ponto e vírgula. Assinavam com DR. Sempre com DR., fizesse sol ou tempestade.<sup>344</sup>

Mas, como vimos anteriormente, esses conselheiros conseguem burlar a autoridade do Imperador e acabam por governar indiretamente. Além desses dê-erres, há também outros com função relevante, porque detêm o poder de reprimir e caçar os “mexilhões insubmissos”:

Além de que surpresas da última hora eram perigosas com quaisquer multidões, avisava o sempre-vivo Guarda-Mor. Nunca se sabia, nunca se sabia. [...] Morcego de veludo a vigiar os escuros, conheciam as cavernas de todos os segredos do Reino. Tinha gazuas, falava com outro peso.<sup>345</sup>

O terceiro núcleo é composto pelos mexilhões. Nesse núcleo, os mexilhões descontentes, **pedintes-voadores**, são considerados transgressores porque não aceitam as regras impostas pelo Imperador; portanto, eles têm a função de criar à margem uma teia de contrapoder para contestar o regime ditatorial.

E então os mexilhões, muito bem calados, pensaram: pobrezinhos sim, mas honrados é que não. [...] Foi a partir daí que começaram a correr certos ditados de ocasião, só para governo dos mexilhões, naturalmente, e que não faziam o menor sentido a não ser para eles.<sup>346</sup>

E, embora a figura do Imperador possa ser associada à idéia de Estado controlador, este, ainda que “mande”, não tem o poder de controlar todas as ramificações que se formam ao redor do Reino, pois sua torre é apenas mais um ponto na malha do Reino dos Mexilhões. Podemos comprovar nossa hipótese se considerarmos como argumento o movimento contínuo da máquina do poder, que funciona independentemente de um poder central, pois, assim que morre o Dinossauro Excelentíssimo, os conselheiros imediatamente “desandaram à procura de um novo imperador”<sup>347</sup>.

---

<sup>344</sup> *Ibid.*, p. 63-64.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>346</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 49.

<sup>347</sup> *Ibid.*, p. 125.

A dimensão dessa força na fábula pode ser exemplificada no episódio em que os cirurgiões tentam modificar a face do Imperador para que ele fique idêntico à imagem que circula no Reino, pois a imagem “atual”, a que tinha quando entrou em coma, é semelhante à de um Dinossauro. Pode-se perceber a aparência de “bicho” que o Imperador ganhou ao dedicar-se ao saber e ao poder, o que poderia provocar desconfianças e motivar revoluções no Reino, porque está diretamente ligada a outra máscara, a de ditador.

Cem dias e cem noites trabalharam no Imperador, apertados no difícil limite do entre a vida e a morte. Abriram e esfuracaram, substituíram, coseram. Eram génios minadores, feiticeiros de batas brancas, como asas. Com os seus martelinhos de prata, seus golpes em traço vivo, suas brocas, sua linha, com suas pinças de insecto, esvoaçaram por cima do Dinossauro. Limpam-lhe as bossas, reduziram-lhe o braço maior, e ao centésimo dia fizeram pausa.<sup>348</sup>

Acreditamos que os conselheiros, ao tentarem remover a máscara de Dinossauro da imagem do Imperador, estão na verdade retirando a máscara do Ditador. Explico-me. Uma criança fora escolhida em uma aldeia porque tinha o dom de manipular palavras; após seus estudos, e porque em dado momento os dê-eres perceberam um princípio de “revolução”, nomeiam essa criança Imperador. Este, após assumir o Reino, põe em prática o “saber” que adquiriu com os mestres, tornando-se assim uma autoridade com tal poder que acaba por dominar o Reino através da palavra, ora manipulando-a, ora censurando-a. No entanto, é esse saber que o leva, porque cego, a sucumbir na armadilha que criou: a “Câmara de torturar palavras”.

Cego, varrido de todo, atirou-se à alavanca dos fusíveis para travar aquele pesadelo mas a tira de registro não o largava. Prendia-lhe os passos alongava-se, carregada de peçonha. Fugiu para a sala do lado, arrastando com ele metros e metros de palavras, serpente tensa, encrespada. Queria desvencilhar-se e tropeçava em rolos de papel, de letras, de veneno, já nem sabia. E quando ia a alcançar a estátua estendeu o braço maior à procura de salvação. Tinha caído e estava velho; era um gigante muito antigo, de fibras mais que secas, a estalar.<sup>349</sup>

Ao final de sua vida, numa aparente morte, é submetido a cirurgias para que seu enorme corpo de Dinossauro seja apagado e em seu lugar surja a máscara

<sup>348</sup> *Ibid.*, p. 126-127.

<sup>349</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 114.

de um Imperador mais jovem, que todos conhecem. Circula no Reino dos Mexilhões a imagem de um benfeitor sóbrio e um jovem iluminado por Deus, bem diferente da máscara de Dinossauro, a de um “monstro”, como diria sua mãe se fosse viva.

A máscara decrépita de Dinossauro é refletida pelos espelhos ensinados que projetam a máscara de Imperador, de modo que o Imperador não se reconhece como ditador, pois, diante dos espelhos, tem apenas a imagem que os dê-erres criaram. Dessa análise surge uma indagação: seria o Imperador uma consequência das manipulações políticas dos dê-erres? Seriam os dê-erres os verdadeiros manipuladores do Reino? Entendemos que o Dinossauro é a metáfora perfeita do ditador, e que a máscara foi criada pela rede social para cristalizar a máscara do ditador exercendo o poder e é usada temporariamente por alguém escolhido por aqueles que mantêm o sistema contínuo de relações de poder.

Desse modo, tudo volta ao início, ou seja, os conselheiros já preparam outro imperador para ocupar o lugar do ditador no Reino. Podemos lembrar o início da fábula, quando o contador de histórias nos diz: “Nessa altura chamava-se Francisco ou Vitorino [...] não interessa. O que interessa é que quando deram por ele já tinha outro nome: Imperador”<sup>350</sup> – ou seja, não importa quem usa a máscara, mas sim a máscara. É essa máscara do Ditador que os conselheiros querem arrancar do Imperador.

Situação estranha, aquela: beatas e mexilhões encontravam-se, sem o saberem, em posição semelhante porque, quer elas, quer eles, interpretavam o cadáver do Imperador como uma negação do homem real – ou não seria assim? Mistério de santidade para umas, mistério de palácio para outros, de mistério é que não se passava. Tanto que há actualmente notícia ou certificado que tenha vindo esclarecer a verdade e a mentira da morte de Dinossaurus Um, Mestre e Excelentíssimo.

Também, se houvesse; se, admitamos, os cirurgiões da figura viessem à praça dar contas do que tinham feito ou se a panelinha dos cortesãos mais ao corrente caísse na asneira de confessar segredos de sete chaves,

QUEM OS ACREDITARIA?<sup>351</sup>

---

<sup>350</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>351</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 146.

O exemplo acima deixa entrever as manipulações políticas para manter a imagem do poder num círculo permanente e fechado a sete chaves, embora outros percebam que há algo diferente, só não o que, e não identificando criam em torno da situação uma áurea de mistério, criam um mito: a imagem de um Imperador. A imagem é a mesma, mas a pessoa é outra que será talhada pelos cirurgiões e cortesãos.

### 4.3

#### A câmara de torturar palavras

Mas o Imperador acabava com o pio dessa malta, destruindo diariamente uma boa porção delas. Queria desempear o Império e as consciências queimando o termo grosseiro e a frase manhosa, e ia conseguindo.<sup>352</sup>

Em **E agora, José?**, José Cardoso Pires, no ensaio “Técnica de um golpe de censura”, esclarece como, perpetuado durante séculos por diversas gerações, o discurso do poder da censura ainda perdura: “são os milhares de quilômetros de textos lançados às fogueiras e aos arquivos.”<sup>353</sup> Do mesmo modo, em **Dinossauro Excelentíssimo** o Imperador “limpa” quilômetros de palavras através de um invento que lhe é muito caro: “a câmara de torturar palavras”<sup>354</sup>, cuja função é semelhante à do celebre “lápis azul” usado pelos censores<sup>355</sup> portugueses – ou seja, livrar o Reino das palavras que incomodam o Imperador, palavras com o significado de “vozes” que o Estado quer, a todo custo, calar.

<sup>352</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>353</sup> *Id.* Visita à oficina o texto e o pré-texto II – Técnica do golpe de censura. *In*: \_\_\_\_\_. **E agora, José?** Lisboa: D. Quixote, 1999, p. 163.

<sup>354</sup> *Id.* **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 56.

<sup>355</sup> Segundo Cardoso Pires, “A todo o passo o censor zeloso sobrepunha o *quid* subjetivo ao conteúdo específico do objeto censurável e para isso não hesitava: tinha à mão um arsenal de rubricas convenientemente elásticas para protegerem qualquer vício de julgamento e toda e qualquer deficiência de informação. ‘Desprestígio das instituições’, ‘pornografia’, ‘desmoralização da família’, ‘abuso da liberdade (sic) de expressão’ e outras alíneas como estas desfrutavam da amplitude dos enunciados bíblicos e era nelas que os burocratas da opinião oficial se instalavam para investir contra a afirmação menos intencional. A partir daqui, nada feito – todo o vocábulo passaria a ter a tradução livre do prontuário da Censura e toda a frase era susceptível de conter, na mais longínqua conotação, os ópios da clandestinidade” (PIRES, José Cardoso. *Visita à oficina o texto e o pré-texto II*, *cit.*, p. 168-169).

E para que o estado de rasura consiga sobreviver à linguagem do apagamento, ou que as entrelinhas escapem do fogo da censura, é necessário que se crie uma tênue teia de “significantes”, na qual se pode fazer “as possíveis leituras” das verdades urdidas na malha do poder. E parece ser a fábula esse espaço onde a palavra transita livre em toda a sua ambigüidade, desdobrando os diversos olhares que o contador de história espalha na narrativa.

Essas idéias podem ser observadas exemplarmente em toda a narrativa, ou no discurso do próprio Imperador quando de sua posse: “Começou por citar a conhecida história da ‘Camisa do Homem Feliz’, aquela que descreve a alegria de ser pobre e a difícil e infeliz vida dos ricos”<sup>356</sup>. Com esse discurso, ele tenta fazer crer que ser pobre é uma dádiva, ou seja, que Deus “NOS FEZ A GRAÇA DE NOS QUERER POBRES”<sup>357</sup>.

Para exercer seu poder, o Dinossauro Excelentíssimo teceu sua teia ideológica com a intenção de moldar os espíritos e legitimar o direito de mandar, cassando e anulando o direito de resistir, “com isso justificando e tornando aceitável, como coisa natural, o dever de obedecer. Por isso mesmo, e em certo sentido, os discursos ideológicos, por sobre o seu conteúdo, valem pela função disciplinadora que veiculam”<sup>358</sup>

Como sabemos, “a censura oficial ou oficiosa impunha ao escritor português, à época do Estado Novo, uma permanente e insidiosa auto-censura, apenas ultrapassada pelo engenho do próprio escrever entre-linhas.”<sup>359</sup> Essa estratégia de poder de censura tornou-se extremamente sofisticada na fábula, pois o contador de história relata como o Imperador criou uma rede complexa para “desempestar o Império e as consciências queimando o termo grosseiro e a frase manhosa, e ia conseguindo.”<sup>360</sup>. Mas o Imperador

Não se dava por satisfeito. Queria melhor, cismava num remédio infalível que não podia dizer. Reunido no gabinete com alguns mágicos sem passaporte, ligou lâmpadas e megalâmpadas, instalou labirintos, olhos eletrônicos, cabelos de

---

<sup>356</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 48.

<sup>357</sup> *Ibid.*, p. 102.

<sup>358</sup> ROSAS, Fernando. **História de Portugal**, *cit.*, p. 259.

<sup>359</sup> RODRIGUES, Graça Almeida. **Breve história da censura literária em Portugal**. Lisboa: Bertrand, 1980, p. 76. Biblioteca Breve, v. 54.

<sup>360</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 72.

platina, deu instruções secretas a computadores de inconcebível crueldade – e ao ver a máquina a funcionar, esfregou as mãos: agora sim, a música ia ser outra.<sup>361</sup>

Decretada a “censura”, os dê-erres calam toda manifestação do diferente, de qualquer indivíduo: o vestir, o rir, o falar e o alegrar, ou seja, todas as manifestações humanas que são expressas através de linguagens; em suma, à sociedade é vetada a voz. Desse modo, destroem a fala e constroem o silêncio. Falar é perigoso, porque “fala” implica individualidade.

Bem, por causa da sabedoria estes cidadãos apresentavam um aspecto de fria gravidade. (Como se disse, excelência para a esquerda e excelência para a direita). Tinham obrigado os mexilhões a vestir de escuro porque a vida não estava para graças e decretaram que de futuro o riso seria máscara do desdém, o falar a capa dos ignorantes e a alegria o fumo da inconsciência.<sup>362</sup>

Passa, então, o “Imperador a escolher palavras, começa magicar um plano para o Reino, a falar numa língua limpa e severa, em que todos se entendessem, ou seja, a dos dê-erres.”<sup>363</sup> Com esse discurso, elimina rasuras e contradições, ou seja, o “discurso da censura” passa a espelhar-se, de forma plana, nas verdades criadas. Eis a trajetória do Imperador; fora preparado para esse papel, afinal, “Tendo sido doutor entre os doutores, a sua especialidade era as palavras.”<sup>364</sup>

Quanto tempo gastou o Imperador a estudar a maneira de se ver livre das palavras que o incomodavam? Meses? Anos? O melhor da vida, há quem diga. Bando de espíões batiam as ruas com o encargo de denunciar a língua, confraria de doutores mergulhavam nos compêndios, outros na letra de forma, no diz que diz. A fala dos mexilhões era passada a crivo, havia orelhas de morcego a caçá-la nas dobras da sombra, imagine-se.<sup>365</sup>

Depois de muito pensar, o Imperador consegue imaginar um mecanismo mais eficiente para “espionar” a fala dos mexilhões, e instala no Reino uma “máquina de torturar palavras”, com a finalidade de censurar qualquer discurso que comprometa sua ordem e, ao mesmo tempo, criar um discurso claro,

---

<sup>361</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>362</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>363</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 50.

<sup>364</sup> *Loc. cit.*

<sup>365</sup> *Ibid.*, p. 55.

convertendo as “**idéias comuns**” para todos, e que fosse capaz de limpar os venenos que “pingavam de certeza [...] nas entrelinhas.”<sup>366</sup>

Essa técnica de controle, sob a forma de “olhos electrónicos”, centralizada numa torre, onde “Penetrar no gabinete era impossível”<sup>367</sup> e cuja intenção é ordenar e organizar o Reino, lembra a idéia do panoptikon<sup>368</sup>, isto é, “que o olho veja, sem ser visto – aí está o maior ardil do Panóptico.”<sup>369</sup>

Envelheceu assim, Imperador ermitão, num ruminar activo e secreto. Fora do casulo, o Forte das Sete Chaves estava em paz: silêncio, corredores de mármore, salas desertas. Mas no gabinete ia o inferno: computadores, zzz-zumbidos, cliques, a fita de registro desfiando condenações.<sup>370</sup>

O Imperador pode com um olhar confiscar a “visão” dos mexilhões, porque todos os escritos passam por seu computador e pelo crivo da censura, posto que sua posição permite o acesso a quase todos os locais do Reino. Portanto, se o olhar do Imperador procura um controle, semelhante ao olhar panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, no qual todos virtualmente são continuamente vigiados, na fábula, esse processo está metaforicamente representado pelos “olhos electrónicos” de um computador, maneira que o Imperador criou para controlar a escrita da oposição.

O Mestre é que não se dava por satisfeito. Queria melhor, cismava num remédio infalível que não podia dizer. Reunidos no gabinete com alguns mágicos sem passaportes, ligou as lâmpadas e megalâmpadas, instalou labirintos, olhos electrónicos, cabelos de platina, deu instruções secretas a computadores de inconcebível crueldade – e ao ver a máquina a funcionar, esfregou as mãos: agora sim, a música ia ser outra.

<sup>366</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>367</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>368</sup> Com esse projeto, Jeremy Bentham pretendeu criar “um instrumento inigualável de poder para os governos, permitindo o controle de uma massa de homens de maneira que suas ações, suas relações, qualquer circunstâncias de suas vidas, mesmo as impressões que o meio lhes determina pudessem ser previstas em todos os seus efeitos. Este instrumento de controle poderia ser usado com diversos objetivos pelos governos. [...] o uso desse instrumento de poder formidável seria feito com grande economia, sem o dispêndio das custosas vigilâncias feitas por um grande número de guardas. À eficácia da forma de controle sugerida somava-se o seu baixo custo: apenas um homem bastaria para acioná-lo” (MURICY, Kátia. Os olhos do poder. In: \_\_\_\_\_. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 483).

<sup>369</sup> MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 78.

<sup>370</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 97.

[...]

No quadro de alarme começavam a tiritar sinais, saltavam luzinhas de piscapisca, e os computadores entravam em acção. Matraqueavam códigos, despejavam registros, à medida que a agonia de sons ia crescendo arrastada pelos zumbidos da corrente, pzz... pzzzz... Tinha caído uma palavra na teia, uma das tais.<sup>371</sup>

Contrapondo-se a esse olhar punitivo, o olhar do contador de estórias tem a intenção de denunciar e revelar o que o Imperador esconde em sua torre – os mecanismos com os quais censura e apaga a visão dos mexilhões –, olhar intelectual que nos permite entrever outras verdades e, sobretudo, as que fogem à câmara de torturar palavras ou a qualquer tipo de manipulação da palavra. O narrador se intromete com o seu método de construção discursiva, cuja matéria também é a palavra:

Deus criou o som, o homem fez a palavra. Depois, tal como a fez, aprendeu a destruí-la ou a corrompê-la e senão vejamos. Temos esta fita gravada, repara. Agora, cortando um pedaço escolhido – assim – e colando-o noutra ponta – acolá – podemos, é relativamente fácil, transformar a verdade da voz, até. Confundi-la. Montagem, chama-se a esta operação que, como vês, é facilíma. Mas há processos menos simples e muito eficazes, Ritinha. Se há.<sup>372</sup>

Como podemos observar, o Imperador instala em sua torre um segredo que guarda a sete chaves, a “câmara de torturar palavras”, um olho que tudo pode ver, mas nem todos podem vê-lo. Desse modo, o Imperador consegue vigiar o Reino e impor o silêncio com seu “código-espia”<sup>373</sup> e sua “máquina infernal”<sup>374</sup>.

A partir dessa transfiguração, podemos afirmar que cabe ao Imperador a função de “se ver livre das palavras que o incomodavam?”<sup>375</sup>, criando para isso uma máquina cuja função é a de limpar os significados da palavra, a “câmara de torturar palavras”<sup>376</sup>; e ao contador de estórias cabe analisar e interpretar as ações do Imperador, a fim de iluminar as zonas obscurecidas pela “História”, desse

---

<sup>371</sup> *Ibid.*, p. 53-54.

<sup>372</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 54-55.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>374</sup> *Loc. cit.*

<sup>375</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p. 56.

modo tornando seu discurso uma marca de poder, pois o narrador se posiciona e revela a função dessa “câmara de torturar palavras”.

É evidente que essa prática está metaforicamente representada nos mecanismos com os quais a máquina de depuração lingüística se torna a “espiã” do Dinossauro Excelentíssimo. Em outras palavras, em virtude dessa prática, observamos a dupla face da ditadura: a primeira se refere à disseminação de um discurso marcado pelo “efeito de verdade”, isto é, significando as “verdades” que o Dinossauro cria, escamoteando a realidade do Reino; a segunda é relativa ao ato de censurar, quando elimina na máquina de tortura os vocábulos “manhosos”, o contradiscurso. Portanto, é no Reino dos Mexilhões que a câmara de torturar palavras vai construir, conforme depuração e manipulação, as “ficções do poder constituído”, “onde verbos e substantivos, cedilha e restante população dos dicionários sofreriam tratamento de último grau”<sup>377</sup>.

Observamos que esse processo dá ênfase às classes gramáticas essenciais para nomear, configurar e propagar idéias. Mas, não satisfeito, o Imperador quer alterar a própria sintaxe ou construção lógica da experiência. Pretende, assim, “trocar” o pensamento lógico que se articula dentro da linguagem, na tentativa de “re-construir” a maneira de entender e significar as “idéias”<sup>378</sup>.

Por exemplo, uma vez apareceu-lhe o Patriarca do Alto Comércio e, senhores, o que ali ia, o que ali ia. O homem mostrava-se desnordeado:

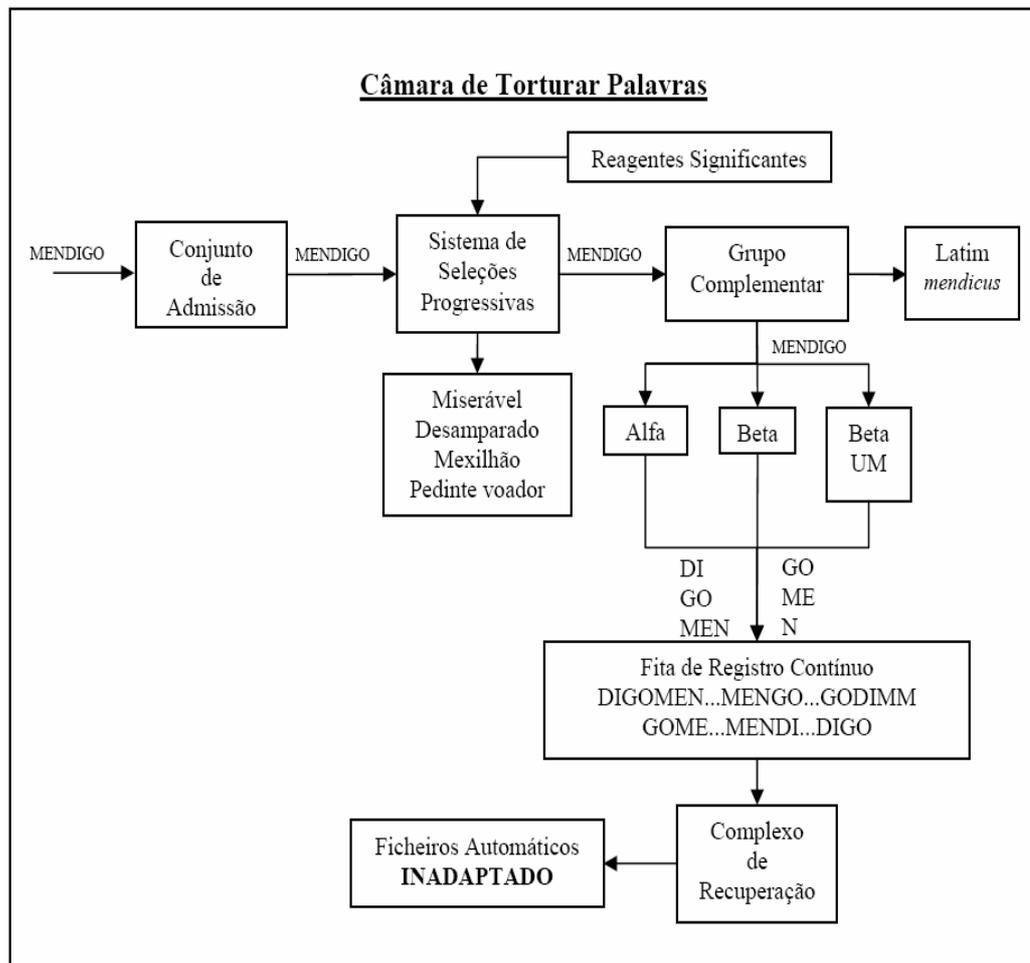
“NÃO POSSO MAIS, EXCELÊNCIA. OS EXCELENTÍSSIMOS MENDIGOS TIRAM-ME O SONO COM PEDIDOS.”

O Imperador encolheu os ombros. Trocou simplesmente a palavra: Mendigos? Quais mendigos? – E deu o problema por resolvido: inadaptados é o que o cavalheiro do alto comércio queria dizer. Inadaptados.

<sup>377</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 56.

<sup>378</sup> Eduardo Lourenço tece breve análise sobre esse tema. Para ele, a ditadura de Salazar se sustentou porque conseguiu criar uma imagem virtual do país, em que as verdades e identidades eram construídas conforme a visão e o desejo de Salazar: “Não vivíamos num país real, mas numa “Disneylândia” qualquer, sem escândalos, nem suicídios, nem verdadeiros problemas. O sistema chegou a uma tal perfeição na matéria que não parecia possível contrapor uma outra imagem de nós mesmos àquela que o regime tão impune mas tão habilmente propunha sem que essa *imagem-outra* (não apenas ideológica, mas cultural) aparecesse como uma sacrílega contestação da *verdade portuguesa* por ele restituída à sua essência e esplendor” (LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português**. Lisboa: Dom Quixote, 1982, p. 30-31).

“E, POR AMOR A DEUS, INADAPTADOS SEMPRE EXISTIRAM E CONTINUARÃO A EXISTIR ATÉ NOS REINOS MAIS PRÓSPEROS. DURMA EM PAZ.”<sup>379</sup>



Observemos no gráfico acima como funciona a “depuração lingüística” na “câmara de torturar palavras” para distorcer um significado.

Após passar por várias camadas de tratamento ou de “tortura”, a palavra finalmente chega ao “complexo de recuperação (lavagem e filtros) que, depois de purificar a palavra, a recompunha e transmitia aos ficheiros”<sup>380</sup>. O organograma que apresentamos detalha o percurso de uma palavra que sofreu “depuração” para ganhar novo significado, segundo a interpretação do Imperador. Ao ser procurado por um funcionário do alto escalão a reclamar dos “mendigos” que viviam

<sup>379</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, cit., p. 52.

<sup>380</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, cit., p. 58.

pedindo ajuda, o Imperador, num gesto calculado, faz outra interpretação da situação. Se, num primeiro momento, os mendigos são personagens sem apoio do governo, ao serem renomeados como inadaptados, tornam-se pessoas que estão fora do lugar e, portanto, o governo não pode ser responsabilizado por eles. Nesse caso, o eufemismo para o vocábulo “mendigo” lhes confere a responsabilidade pela não-adaptação às condições de vida em sociedade.

Esses mecanismos de construção de idéias ou significações estão ligados à construção de sentido textual. Eles são questionados dentro da própria narrativa, principalmente quanto à eficácia da pontuação na construção da interpretação subjetiva, pois o ritmo de uma frase pode alterar em muito o significado da mensagem. E o Imperador teme que os “mexilhões-anarquistas”, que dominam a palavra tão bem quanto ele, coloquem a perder todo o mecanismo de censura que ele havia criado, deixando passar uma vírgula, um ponto de exclamação, sinais que parecem inofensivos, mas que, dependendo de quem os utiliza, ganham vida. De suas reflexões acerca da pontuação, o Imperador conclui intuindo o risco iminente de um ponto a solto.

Espera, raciocinou depois o Mestre, e a pontuação? Momento! a pontuação nas mãos dos mexilhões anarquistas podia muito bem transformar-se em rasteira e havia que estar a pau. Ou por acaso alguém desconhece que uma reticência jogada a tempo no fim da frase não figura como um rastilho para conclusões inconfessáveis? E o ponto de exclamação? Haverá granada mais aprumo do que um ponto de exclamação?

[...]

O imperador tomou as suas disposições [...]; reticências eram desculpas de tímidos e de inimigos disfarçados [...]. **Nas pequenas coisas é que se via onde estava a Ordem**, concluiu ele; e em pensamento destacou a palavra entre duas exclamações, firmes e reluzentes como uma guarda de honra de baionetas:

;**ORDEM!**<sup>381</sup>

Percebemos que essa preocupação do Imperador em colocar tudo em ordem traz subjacente o desejo de limpeza. Na fábula, verificamos que dentro desse projeto de “ordem” e “limpeza” que o Imperador almeja, cabe de maneira implícita a idéia de pureza da qual nos fala Bauman:

---

<sup>381</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 95-96.

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugar *diferentes* dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da *ordem* – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter a imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes” – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade.<sup>382</sup>

Isto ocorre porque, ao tentar “moldar” o Reino, o Imperador age como “um visionário utópico. Ele desejava um mundo imóvel, a hipnose total”<sup>383</sup>, mas para atingir esse objetivo precisa aguçar os punhais, para organizar, adequar e controlar de perto as transformações que deseja promover. A **censura** será sua bússola, porque com esse instrumento o Dinossauro Excelentíssimo fará girar a engrenagem de seu reino, cuja ordem assegura a regularidade e a estabilidade, em que as probabilidades possam ser controladas, desde que sigam uma hierarquia rigorosa; mundo onde as coisas não ocorrem por acaso.

Esse é o ideal de mundo projetado por ditadores que desejam manter o controle sobre todas as situações de um Estado totalitário, ainda que esse controle seja, em última instância virtual. Como já analisamos anteriormente, o Imperador controla o significado das palavras, e esse controle lembra um processo “químico” de limpeza no compartimento da máquina, denominado Sistema de Seleções Progressivas, onde as palavras capturadas

eram combinadas com outros vocábulos que actuavam como catalisadores ou ‘reagentes significantes’. Por esta operação obtinham-se os sinônimos e as intenções mais ocultas de cada palavra. [...] Devidamente desdobradas nas suas origens e significados, as palavras eram transportadas [...] e simultaneamente enviada para o Complexo de recuperação (lavagem e filtros) que, depois de purificar a palavra, a recompunha e transmitia aos Ficheiros automáticos.<sup>384</sup>

Ora, observamos que o método do Imperador de “limpar” as palavras está ligado à idéia de pôr em “ordem”, mas para isso necessita limpá-las para bem adequá-las às suas intenções. Para Bauman, a pureza é a percepção de que as coisas (eventos) devem ocupar um lugar diferente do anterior, para que se possa

<sup>382</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 14.

<sup>383</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. Cismas Portugueses. *In*: \_\_\_\_\_. **A outra Europa: impressões de sete países europeus, com um epílogo do ano de 2006**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 142.

<sup>384</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 57 [grifo nosso].

ter uma “ordem”. Cada coisa deve ocupar seu lugar, ainda que para isso seja necessário que ocupe lugares que não preencheria “naturalmente, por livre vontade”<sup>385</sup>. Bauman afirma ainda que, contrapondo-se à essa idéia de pureza, o sujo, “os agentes poluidores”, são coisas “fora do lugar”. Conclui que não são as essências das coisas que as tornam sujas, mas principalmente “sua localização na ordem de coisas idealizadas pelos que procuram a pureza”<sup>386</sup>.

Dito e feito. Mãos ao trabalho, e ei-lo a limpar decretos e alíneas, jornais, compêndios – o que calhava. Palavras correntes, mais vivas ou menos próprias, fogueira com elas porque pingavam de certeza veneno nas entrelinhas. Outras, quase esquecidas nas rugas dos pergaminhos, essas é que sim: convinha ir buscá-las, tirar o pó e lançá-las em circulação, quanto mais depressa melhor. E aqui para nós, havia muitas, muitíssimas. Palavras de puro sangue latim e grego, que além dos atestados de nobreza, tinham cheiro santificado, essência de rendas velhas.<sup>387</sup>

Nesse sentido a fábula demonstra como o ditador emprega mecanismos para colocar suas “coisas” no lugar que ele imagina ser o mais apropriado. Claro que, como já dissemos antes, a “censura” será seu principal instrumento. Mas o Imperador só consegue eficácia quando começa a debruçar-se sobre o discurso, a organização das palavras já tratadas para serem transparentes. Sabe-se que a propagação de idéias passa pela organização das palavras, e elas não podem, sob qualquer hipótese, perder sua “ordem”, sob pena de “poluírem” as idéias. Podemos observar a preocupação do Dinossauro em “limpar” o discurso na tentativa de colocá-lo dentro de sua “ordem”.

Dito e feito. De camaroeiro em punho meteu-se a pescar vírgulas nas prosas mais turvas; lançou-se atrás do til, essa borboleta, e do trema em lantejoulas; distribuiu hífens, colocou-os com o cuidado com que se abrem cancelas no terreno selvagem das orações confusas. Ao sinal de parágrafo, minúsculo hipocampo entre folhas amortalhado, pô-lo a embelezar com abundância os decretos-leis da sua predileção; e à gota de mel, que era o ponto de exclamação, retirou-a aqui e ali para não tornar gulosa a frase. Isto, entre outros exemplos.<sup>388</sup>

A citação acima explicita essa questão de limpar e ordenar. A própria seleção vocabular com a qual ele compara os perigos desses elementos já nos

<sup>385</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**, *cit.*, p. 14.

<sup>386</sup> *Loc. cit.*

<sup>387</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 51.

<sup>388</sup> *Ibid.*, p. 97.

remete à idéia de coisas fora do lugar, que se caracterizam como coisas “sujas” ou “desordenadas”. Refere-se à obscuridade, “prosas turvas” e “orações confusas”, coisas sobre as quais não se pode ter controle como “terreno selvagem”, algo que não foi explorado; compara o sinal “til” a uma borboleta, animal que foge rapidamente a qualquer aproximação; à pontuação como excesso a ser cortado – justo o ponto de exclamação, que indica os sentimentos, por isso comparado à gota de mel, que vai provocar a fome da frase –, ou seja, as possibilidades de significados que se acumulam podem deixar em suspenso várias interpretações, pois um ponto pode sugerir muito numa frase. O que percebemos é que esse caçador de elementos lingüísticos sabe muito sobre seu ofício, pois busca exatamente aqueles elementos que permitem escrever nas “entrelinhas”: a acentuação, as possibilidades de significados, a organização sintática e por fim a pontuação, que dá todo o ritmo à frase.

Para o Imperador, deve-se estar sempre atento aos perigos da linguagem, pois ele mesmo já

Tinha visto muito bacharel tropeçar na vírgula e estatelar-se a meio período; ou passar sem dar por ela e perder o fôlego antes do ponto final, o que não era menos desastroso. [...] outros rolavam no ponto final e passavam como doidos por cima de parágrafos. Não era urgente pôr cobro a isto?<sup>389</sup>

Mas, apesar de toda a preocupação e do esforço do Imperador em magicar um plano para limpar a linguagem do Reino, como vimos, ele acaba perdendo o controle justamente com a palavra “ordem”, que consegue burlar a “câmara de torturar palavras”, sai pela porteira das fitas para o terreno selvagem do Reino e passa no circuito, “singrando, explodindo, renascendo”<sup>390</sup>, flutua como uma borboleta propagando num arranjo guloso todas as possibilidades de significar: ORDEM / MEDO / MORDE; finalmente, foge das malhas do Imperador, que perde o controle não só de sua invenção, mas do próprio Reino, pois “o vício da

---

<sup>389</sup> PIRES, José Cardoso. *Dinossauro Excelentíssimo*, cit., p. 96.

<sup>390</sup> *Ibid.*, p. 112.

ordem era também a fraqueza dos dê-erres. Mal um vendaval mais forte caía em cima deles, pronto desorganizavam-se”<sup>391</sup>, diz o contador de histórias.

Certa manhã, estava ele muito sossegadinho a ver se ouvia, caiu um substantivo na rede: Pim!

De braço no ar, investiu contra a palavra, pronto a destroçá-la. Viu-a passar no circuito, singrando, explodindo, renascendo, enquanto a fita de registro anotava:

ORMED... OREDM... DEROM... MORED...

**Mored?** O Douktor Dinosaurus intrigou-se: seria algum código inimigo?

MORED... MORED...

Insistia o registro, crescendo pelo sobrado fora. E depois:

MORED... ORMED...

ORMED...

DEMO... RRRRR... DEMO...

RRRRRRRRRRRRRRRRRR

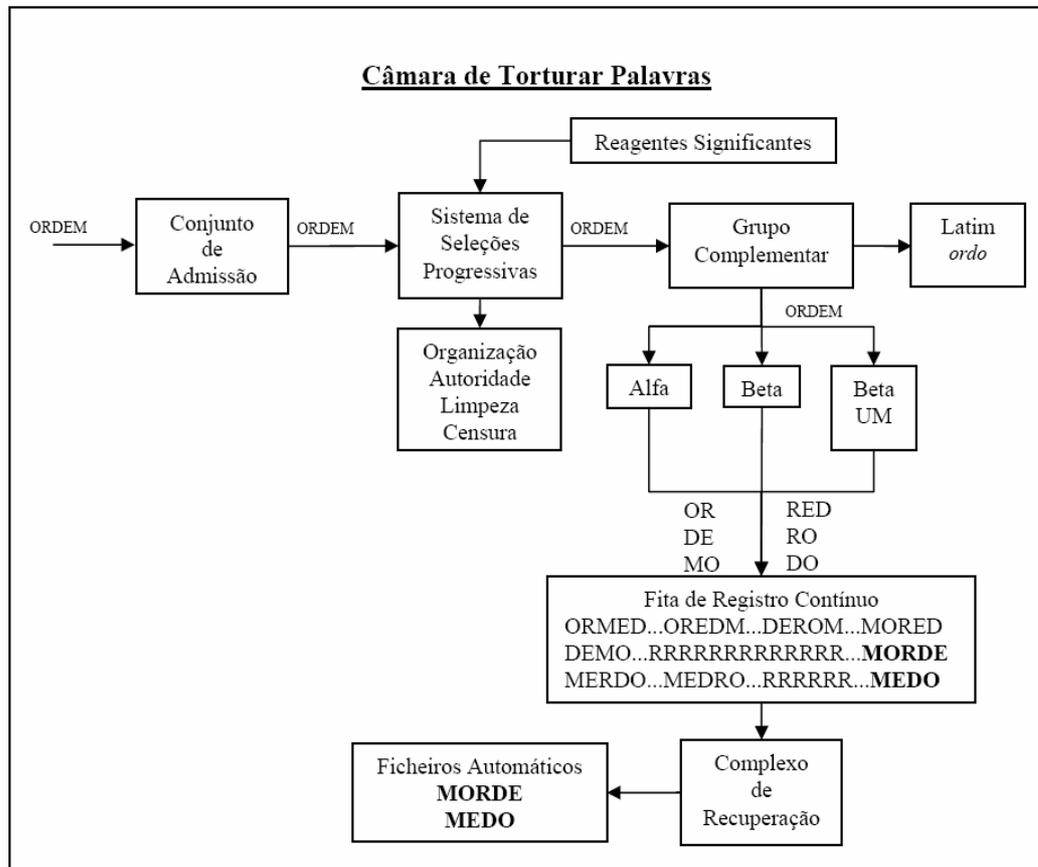
sinal, ponto, seta – **MORDE**<sup>392</sup>

O organograma abaixo dispõe o caminho por onde passou a palavra que foge ao controle do Imperador.

---

<sup>391</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 64.

<sup>392</sup> *Ibid.*, p. 112.



O Imperador é traído por um substantivo (classe gramatical que designa as concepções dos seres); assim, a palavra “ordem” destrói a ordem e impõe medo ao Imperador – grande ironia, uma vez que ele fora escolhido em razão de sua qualidade “de camponês de gramática asseada”<sup>393</sup>. Nesse episódio, a palavra ganha qualidades animais: é uma cobra, símbolo ligado à traição, com toda a sua capacidade venenosa:

Aqui o enorme Dinossauro enfurece-se. Quis estrangular a cobra que não parava de crescer mas ela parecia assanhada, contorcendo-se nas cinco letras venenosas que eram a baba, a peçonha da palavra **Ordem**. Alongava-se aos **uivos** do sinal de alarme, subia pelo Imperador acima, enrolava-se nos punhos.

[...]

MEDO... MEDO...

silvava ela, e avançava, destemida.

MEDO... RRR...

<sup>393</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, cit., p. 96.

MEDOR... OREDM...

ODREM... ODREM...

RRRRRRRRRRRRRRRRRR

sinal, ponto, seta – **ORDEM**

**Ordem?**, **urrou** o Imperador, trespassado. **Ordem... Medo...** assoprava a cobra continuando a deslizar da toca dos computadores e amontoando-se aos molhos pelo chão.<sup>394</sup>

Embora não haja denominação explícita, observamos nessa passagem ou representação a luta entre dois animais representados metonimicamente pelo som que emitem: os “uivos” que as palavras emitem, que nos remetem aos “canídeos”, contrapõem-se aos “urros” do Imperador, que nos remetem à voz dos felinos. Mas, a **palavra**, além de se exprimir por meio da voz de um animal, também é metamorfoseada em cobra, como foi o Imperador transformado em Dinossauro<sup>395</sup>. Na oportunidade, fazemos pequena digressão: a cobra é simbolizada nos textos bíblicos como aquela que foi capaz de persuadir com astúcia o “homem”; foi a serpente que o fez experimentar o fruto proibido. A partir dessa experiência, o homem teve a consciência de si e da nova visão de mundo. Entendemos, portanto, que a palavra tem esse poder de iluminar, de trazer à baila o conhecimento, e luz à escuridão.

Quando os guardas da Torre das Sete Chaves chegaram à sala do Conselho foi como se tivessem desembarcado num campo de batalhas a fumegar de destroços. O ar estremecia com discursos e uivos de alarme, o chão remexia assaltado pela fita de registro, essa serpente.<sup>396</sup>

Em resumo, para exercer seu poder, o Imperador teceu sua teia de “saber e autoridade” de usar a palavra com a intenção de moldar os espíritos e legitimar o direito de mandar, anulando o direito de resistir,

<sup>394</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 113-114.

<sup>395</sup> É oportuno observar o significado etimológico de Dinossauro: para Houaiss, “lat. cien. *Dinosauria*, formado do gr. *deinós* 'temível, terrível, perigoso' e gr. *sáuros* 'lagarto'” – ou seja, um réptil, um lagarto terrível. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2006).

<sup>396</sup> PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 115.

[...] com isso justificando e tornando aceitável, como coisa natural, o dever de obedecer. Por isso mesmo, e em certo sentido, os discursos ideológicos, por sobre o seu conteúdo, valem pela função disciplinadora que veiculam.<sup>397</sup>

Como podemos observar, o discurso que o Dinossauro deseja é aquele que mantém a ordem, o que mantém suas idéias e não desestabiliza seu Reino. Aquelas palavras são palavras que devem ser banidas, e que se conservem as de “essência de renda velha”. Essa metáfora de efeito brilhante pode nos conduzir à idéia de teia criada pelo poder da “nobreza e da religião”, ou seja, à idéia de “situação estável”, sem que haja qualquer elemento fora do “lugar”, posto que, se houvesse, essa coisa deveria ser banida, “passada a fio de espada”.

Entendemos que a preocupação do Dinossauro em manter a ordem está centralizada no mundo segundo o qual

[...] as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita – de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis.<sup>398</sup>

É através da “ordem” – essa é sua obsessão – que o Dinossauro procura exercer seu poder de autoridade, determinar as fronteiras de seu território e censurar os discursos. Porém

A dificuldade com essas coisas é que elas cruzarão as fronteiras, convidadas ou não a isso. Elas controlam a sua própria localização, zombam, assim, dos esforços dos que procuram a pureza “para colocarem as coisas em seu lugar” e, afinal, revelam a incurável fraqueza e instabilidade de todas as acomodações.<sup>399</sup>

É o que ocorre com a palavra “ordem” que, de tão cuidada, acaba escapando e “sujando” todo o processo de limpeza que o Imperador criou. Esse fato está associado ao fim da autoridade do Imperador que, surdo e “cego”, enrosca-se na própria fita do computador, sendo traído pelo próprio invento. Esse episódio nos faz lembrar a idéia de “resistência” ao poder, que ocorre dentro do

---

<sup>397</sup> ROSAS, Fernando. **História de Portugal**, *cit.*, p. 259.

<sup>398</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**, *cit.*, p. 15.

<sup>399</sup> *Loc. cit.*

próprio território em que ele se exerce. Percebemos o desespero do Imperador ao ver toda a sua “estratégia” ser “traída”, desarticulada.

Cardoso Pires, com “os sapatos apertados”, descobriu nova dança, fez da fábula uma confabulação, um murmúrio de “denúncia” a meia palavra para um novo leitor “obrigando-o a ler com atenção, forçando-o a ler nas entrelinhas, [...] a esforçar-se por apreender aquilo que ele quis dizer, mas não pôde dizer à vontade.”<sup>400</sup>

O autor nos revela o enigma ao inverter a ordem das palavras, acaba por inverter toda a “história”. Talvez seja esse o espaço da Literatura que joga com as palavras, como o poder também o faz; mas a palavra transgressora ressoa plural, adquire significados contextuais, desabrocha camuflada, objetivando rasurar o discurso do poder de censura.

Cabe ao leitor decodificar o enigma. Qual é a moral dessa fábula? O que quer afinal nos ensinar? A moral talvez seja que, apesar de tudo, haverá sempre uma dança a ser descoberta, pois as palavras sempre podem criar novos discursos. “Afinal temos tanto para viver.”<sup>401</sup> Eis a fábula confabulando com a história. Metaforicamente, poderíamos deduzir que o contador de estórias faz explodir uma “versão” da verdade, na tentativa de mostrar uma outra verdade oculta, máscara construída no fio da navalha da censura:

O inverno “liberal” de Marcelo Caetano prometeu-se primavera, anunciando à primeira hora certos caminhos de abertura que corrigissem o colonialismo mental do velho ditador. Uma Lei de Imprensa, pelo menos, em que se pusesse fim à Censura e se pacificasse, como se diz, a Família Portuguesa. Mas em março de 69 o herdeiro de Salazar adiava o projeto; três anos depois, maio de 71, volta à mesma, desculpando-se perante os familiares numa das suas “Conversas” de televisão: “O meu desejo teria sido suprimir a Censura logo que cheguei ao Poder. **Mas ...” etc., etc.**”<sup>402</sup>

---

<sup>400</sup> MORAND, Paul. Citado In: PIRES, José Cardoso. Visita à oficina o texto e o pré-texto II, *cit.*, p. 165.

<sup>401</sup> *Ibid.*, p. 148.

<sup>402</sup> PIRES, José Cardoso. Visita à oficina o texto e o pré-texto II, *cit.*, p. 194.